



Subsídios Anuais para Formação Comissão da Família - CIOFS

TRADUÇÃO: PORTUGUÊS

Apresentação

Rio de Janeiro, RJ 27 de fevereiro de 2021

Irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular do Brasil,
Paz e Bem!

A Presidência do Conselho Internacional da Ordem Franciscana Secular (CIOFS) possui na sua estrutura a Comissão da Família, que tem como finalidade promover reflexões a cerca dessa temática, preparando materiais formativos para as fraternidades locais no mundo todo. Atualmente, essa comissão é composta por Silvia Diana, OFS (Argentina), Jenny Harrington, OFS (África do Sul), Conselheiras Internacionais da presidência do CIOFS e Fr. Claudio Hernán Eguzquiza Rodriguez, TOR, Assistente Espiritual Geral.

Desde o ano de 2016, essa comissão tem um trabalho contínuo e encaminha um tema anual para ser refletido em todas as fraternidades. Esse tema é apresentado como um material formativo, com um texto base e perguntas de aprofundamento e reflexão. Segue a caminhada histórica com todos os temas propostos pela comissão:

2016 - Família e Casamento;

2017 - “Cuidar da fragilidade humana: misericórdia e discernimento”

2018 - “Partilhando os momentos importantes da vida familiar dos irmãos” (CCGG 24).

2019 - “A família nas diferentes Encíclicas e no Catecismo da Igreja Católica”

2020 - “Diálogo construtivo na família”

2021 - “O cuidado dos nossos irmãos e irmãs mais idosos, a sua vida e caminho são a história da nossa Ordem”

Nesse sentido, considerando a importância dessas temáticas e partindo do entendimento que essas reflexões são atemporais, a OFS do Brasil, traduziu esse material para o Português e encaminha as fraternidades locais através dessa cartilha. Desejamos estar em sintonia e comunhão com a OFS no mundo todo e que nossas fraternidades locais possam encontrar nesse estudo importantes reflexões para a formação permanente dos nossos irmãos e irmãs, recordando nossa regra que diz: “Em sua família vivam o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito à vida, esforçando-se para fazer dela o sinal de um mundo já renovado em Cristo” (Regra,17).

Fraternalmente,

MAYARA INGRID SOUSA LIMA, OFS
Coordenadora Nacional de Formação da OFS do Brasil

ARTE E DIAGRAMAÇÃO:
Ricardo Meneses (@ricardomeneses.adm)

2016 Família e Casamento



ORDEM FRANCISCANA SECULAR
Conselho Internacional
Comissão da Família

**Silvia Diana, OFS;
Jenny Harrington, OFS;
Frei Francis Dor, OFM Cap.**

Queridos irmãos e irmãs, Paz e todo Bem!

Começamos uma caminhada de trabalho como Comissão da Família, na qual uma vez por ano enviaremos material às nossas fraternidades locais para refletirem sobre esse belo tesouro que é “a família”. Queremos partilhar, refletir e nos comprometermos. Este é o nosso primeiro documento, que corresponde ao ano de 2016: **“FAMÍLIA E CASAMENTO”**.

Nossa proposta é discernir à luz da Palavra e das mensagens de nossos Papas e da Catequese preparatória para o Encontro Mundial das Famílias na Filadélfia/EUA, 2015; e possamos ajudar e contribuir com nossas famílias, comprometendo-nos a apoiar e fortalecer os valores das mesmas a partir da proposta Evangélica de Jesus.

Podemos compartilhar que as quatro edições da revista Koinonia para 2015 tem concentrado seus artigos na importância da família para o OFS e para a JUFRA. Na primeira edição, Frei Francis Bongajum Dor, OFM Cap, escreveu sobre o tema da família no Magistério da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II até hoje. Na segunda edição, o Frei Martin Bitzer, OFM Conv, compartilhou sobre a família no Regra e nas Constituições Gerais do OFS. A terceira edição, editada pelo Frei Amando Trujillo Cano, TOR, dedicou aos desafios pastorais da família no contexto da Evangelização. Por fim, a quarta edição, a cargo de Frei José Antônio Duarte Cruz, OFM, focou na vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo.

Este material para 2016 é apenas um guia de trabalho. Caso seja muito extenso, ele pode ser dividido e cada Fraternidade pode recriá-lo, aprofundá-lo e adaptá-lo às suas necessidades, priorizando as necessidades das FAMÍLIAS em cada realidade local.

Esperamos que este trabalho fortaleça nossas famílias e de cada comunidade, vila ou cidade. Somente começando a mudar a nós mesmos, é que poderemos tornar possível as palavras de Jesus: **“Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”**. (Jo 13,35).

Comissão da Família

Em sua família vivam o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito à vida, esforçando-se para fazer dela o sinal de um mundo já renovado em Cristo. Os esposos, em particular, vivendo as graças do matrimônio, testemunhem, no mundo, o amor de Cristo por sua Igreja. Por uma educação cristã simples e aberta, atentos à vocação de cada um, caminhem alegremente com os filhos em seu itinerário humano e espiritual (Regra e Vida, 17).

Os casados encontram na Regra da OFS um valioso auxílio para percorrer o caminho da vida cristã, conscientes de que, no sacramento do Matrimônio, o seu mútuo amor participa do amor que Cristo tem pela sua Igreja. O amor dos esposos e a afirmação do valor da fidelidade são um profundo testemunho para a própria família, para a Igreja e para o mundo (CCGG, 24).

PROPOSTA DE TRABALHO:

1. Consideramos uma dinâmica de trabalho composta de três partes:
2. Perguntas para compartilhar...
3. Nos iluminarmos (material para reflexão)
4. Nos comprometermos juntos

1. Compartilhando nossas vidas:**Perguntas para compartilhar**

Quais são os valores como famílias católicas vivemos ou tentamos viver?

Quais são os problemas mais comuns que encontramos no matrimônio, aos que estão casados?

2. Nos iluminarmos... Material para reflexão:

- A) Evangelho
- B) Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, parte 2, nrs. 11, 14, 15 – Papa João Paulo II
- C) Papa Francisco: A família – 12. Casamento (I)
- D) Papa Francisco: A família – 13. Casamento (II)
- E) Catequese preparatória para o Encontro Mundial das Famílias em Philadelphia/EUA, 2015, O amor é nossa missão, 54-57

A. Evangelho Jo 2,1-11

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também. Ora, não havia mais vinho, pois, o vinho do casamento tinha-se acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho”. Respondeu-lhe Jesus: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou”. Sua mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser”. Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma contendo de duas a três medidas. Jesus lhes disse: “Enchei as talhas de água”. Eles as encheram até à borda. Então lhes disse: “Tirai agora e levai ao mestre sala”. Eles levaram. Quando o mestre sala provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde vinha, mas o sabiam os serventes que haviam retirado a água – chamou o noivo e lhe disse: “Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora!” Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele.

**B. Exortação Apostólica Familiaris Consortio, parte 2, nrs. 11, 14, 15 – Papa João Paulo II****O homem, imagem de Deus Amor**

11. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança: chamando-o à existência por amor, chamou-o ao mesmo tempo ao amor. Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano.

Enquanto espírito encarnado, isto é, alma que se exprime no corpo informado por um espírito imortal, o homem é chamado ao amor nesta sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual.

A Revelação cristã conhece dois modos específicos de realizar a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor: o Matrimônio e a Virgindade. Quer um quer outro, na sua respectiva forma própria, são uma

concretização da verdade mais profunda do homem, do seu «ser à imagem de Deus».

Por consequência a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta realiza-se de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente: se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não se doaria totalmente.

Esta totalidade, pedida pelo amor conjugal, corresponde também às exigências de uma fecundidade responsável, que, orientada como está para a geração de um ser humano, supera, por sua própria natureza, a ordem puramente biológica, e abarca um conjunto de valores pessoais, para cujo crescimento harmonioso é necessário o estável e concorde contributo dos pais.

O «lugar» único, que torna possível esta doação segundo a sua verdade total, é o matrimônio, ou seja, o pacto de amor conjugal ou escolha consciente e livre, com a qual o homem e a mulher recebem a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus que só a esta luz manifesta o seu verdadeiro significado. A instituição matrimonial não é uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, nem a imposição extrínseca de uma forma, mas uma exigência interior do pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade ao desígnio de Deus Criador. Longe de mortificar a liberdade da pessoa, esta fidelidade põe-na em segurança em relação ao subjetivismo e relativismo, fá-la participante da Sabedoria Criadora.

Os filhos, dom preciosíssimo do matrimônio

14. Segundo o desígnio de Deus, o matrimônio é o fundamento da mais ampla comunidade da família, pois que o próprio instituto do matrimônio e o amor conjugal

se ordenam à procriação e educação da prole, na qual encontram a sua coroação.

Na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente dom e o amor conjugal, enquanto conduz os esposos ao «conhecimento» recíproco que os torna «uma só carne», não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmo a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe.

Tornando-se pais, os esposos recebem de Deus o dom de uma nova responsabilidade. O seu amor paternal é chamado a tornar-se para os filhos o sinal visível do próprio amor de Deus, «do qual deriva toda a paternidade no céu e na terra».

Não deve, todavia, esquecer-se que, mesmo quando a procriação não é possível, nem por isso a vida conjugal perde o seu valor. A esterilidade física, de fato, pode ser para os esposos ocasião de outros serviços importantes à vida da pessoa humana, como por exemplo a adoção, as várias formas de obras educativas, a ajuda a outras famílias, às crianças pobres ou deficientes.

A família, comunhão de pessoas

15. No matrimônio e na família constitui-se um complexo de relações interpessoais - vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade - mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na «família humana» e na «família de Deus», que é a Igreja.

O matrimônio e a família dos cristãos edificam a Igreja: na família, de fato, a pessoa



humana não só é gerada e progressivamente introduzida, mediante a educação, na comunidade humana, mas mediante a regeneração do batismo e a educação na fé, é introduzida também na família de Deus, que é a Igreja.

A família humana, desagregada pelo pecado, é reconstituída na sua unidade pela força redentora da morte e ressurreição de Cristo. O matrimônio cristão, partícipe da eficácia salvífica deste acontecimento, constitui o lugar natural onde se cumpre a inserção da pessoa humana na grande família da Igreja.

O mandato de crescer e de multiplicar-se, dirigido desde o princípio ao homem e à mulher, atinge desta maneira a sua plena verdade e a sua integral realização.

A Igreja encontra assim na família, nascida do sacramento, o seu berço e o lugar onde pode atuar a própria inserção nas gerações humanas, e estas, reciprocamente, na Igreja.

C. Papa Francisco: A família – 12. Casamento (I)

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter considerado as duas narrações do Livro do Gênesis, agora a nossa reflexão acerca do desígnio originário de Deus sobre o casal homem-mulher dirige-se diretamente a Jesus.

No início do seu Evangelho, o evangelista João narra o episódio das bodas de Caná, nas quais estavam presentes a Virgem Maria e Jesus, com os seus primeiros discípulos (cf. Jo 2, 1-11). Jesus não só participou naquele matrimônio, mas «salvou a festa» com o milagre do vinho! Portanto, Ele realizou o primeiro dos seus sinais prodigiosos, com o qual revela a sua glória, no contexto de um casamento, e foi um gesto de grande simpatia por aquela família nascente, solicitado pelos cuidados maternos de Maria. Isto faz-nos recordar o livro do

Gênesis, quando Deus conclui a obra de criação e faz a sua obra-prima; a sua obra-prima é o homem e a mulher. E aqui Jesus começa os seus milagres, precisamente com esta obra-prima, num casamento, numa festa de núpcias: um homem e uma mulher. Assim, ensina que a obra-prima da sociedade é a família: o homem e a mulher que se amam. Esta é a obra-prima!

Desde a época das bodas de Caná muitas coisas mudaram, mas aquele «sinal» de Cristo contém uma mensagem sempre válida.

Hoje não parece fácil falar do matrimônio como de uma festa que se renova no tempo, nas várias fases da vida inteira dos cônjuges. É uma realidade que as pessoas se casam cada vez menos; é real: os jovens não querem casar. Por outro lado, em muitos países aumenta o número de separações, e diminui o número de filhos. A dificuldade de permanecer unidos - quer como casal, quer como família - leva a interromper os vínculos com frequência e rapidez cada vez maiores, e são precisamente os filhos os primeiros a sofrer as consequências. Mas devemos pensar nisto, as primeiras vítimas, as vítimas mais importantes, as vítimas que mais padecem numa separação são os filhos. Se alguém experimenta desde a infância que o matrimônio é um vínculo «temporário», inconscientemente para esta pessoa será assim. Com efeito, muitos jovens são impelidos a renunciar ao próprio programa de um vínculo irrevogável e de uma família duradoura. Acho que devemos meditar com grande seriedade sobre o motivo pelo qual tantos jovens «não estão dispostos» a casar. Existe uma cultura do provisório... tudo é provisório, parece que não existe algo definitivo.

Uma das preocupações que sobressaem nos dias de hoje é a dos jovens que não querem casar: por que razão os jovens não se casam? Por que



motivo, muitas vezes, preferem uma convivência, «com uma responsabilidade limitada»? Por que muitos — inclusive entre os batizados — têm pouca confiança no matrimônio e na família? É importante procurarmos compreender, se quisermos que os jovens encontrem o caminho reto para seguir. Por que razão não têm confiança na família?

As dificuldades não são apenas de natureza econômica, embora elas sejam verdadeiramente sérias. Muitos julgam que a mudança ocorrida nestas últimas décadas foi causada pela emancipação da mulher. Mas nem sequer este argumento é válido, é falso, não é verdade! Trata-se de uma forma de machismo, que quer sempre dominar a mulher. Nós fazemos a má figura que fez Adão, quando Deus lhe disse: «Por que motivo comeste o fruto da árvore», e ele retorquiu: «Foi a mulher que me deu». E a culpa é da mulher. Coitada da mulher! Devemos defender as mulheres! Na realidade, quase todos os homens e mulheres gostariam de ter uma segurança afetiva estável, um matrimônio sólido e uma família feliz. A família ocupa o primeiro lugar em todos os índices de agradabilidade entre os jovens; contudo, pelo receio de errar, muitos nem sequer desejam pensar nisto; não obstante sejam cristãos, não pensam no matrimônio sacramental, sinal singular e irrepetível da aliança, que se torna testemunho de fé. Talvez precisamente este medo de fracassar seja o maior obstáculo para receber a palavra de Cristo, que promete a sua graça à união conjugal e à família.

O testemunho mais persuasivo da bênção do matrimônio cristão é a vida boa dos esposos cristãos e da família. Não há modo melhor para transmitir a beleza do Sacramento! O matrimônio consagrado por Deus preserva o vínculo entre o homem e a mulher que Deus abençoou desde a criação do mundo; e é manancial de paz e de bem para toda a vida conjugal e familiar. Por exemplo, nos primeiros tempos do Cristianismo, esta grande dignidade do vínculo entre o homem e a mulher debelou um abuso então considerado totalmente normal, ou seja, o direito que os maridos tinham de repudiar as esposas, até pelos motivos mais pretensiosos e humilhantes. O Evangelho da família, o Evangelho que anuncia precisamente este Sacramento derrotou a cultura do repúdio habitual.

Hoje, a semente cristã da igualdade radical entre os cônjuges deve dar novos frutos. O

testemunho da dignidade social do matrimônio tornar-se-á persuasivo precisamente deste modo, pela via do testemunho que atrai, pela senda da reciprocidade e da complementaridade entre si.

Por isso, como cristãos, devemos tornar-nos mais exigentes a este propósito. Por exemplo: defender com determinação o direito à igual remuneração por um trabalho igual; por que razão se dá por certo que as mulheres devem ganhar menos do que os homens? Não! Têm os mesmos direitos! A desigualdade é um puro escândalo! Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer como riqueza sempre válida a maternidade das mulheres e a paternidade dos homens, sobretudo em benefício dos filhos. De igual modo, hoje em dia a virtude da hospitalidade das famílias cristãs tem uma importância crucial, especialmente em situações de pobreza, de degradação e de violência familiar.

Caros irmãos e irmãs, não tenhamos medo de convidar Jesus para as bodas, de o convidar para vir à nossa casa, a fim de permanecer ao nosso lado e preservar a família. E não tenhamos receio de convidar também a sua Mãe Maria! Quando se casam «no Senhor», os cristãos são transformados num sinal eficaz do amor de Deus. Os cristãos não se casam exclusivamente para si mesmos: casam no Senhor, a favor de toda a comunidade, da sociedade inteira.

Também na próxima catequese falarei sobre esta bonita vocação do matrimônio cristão. Saudações

D) Papa Francisco: A família – 13. Casamento (II)

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso caminho de catequeses acerca da família, hoje meditaremos diretamente sobre a beleza do matrimônio cristão. Não se trata de uma simples cerimônia que se faz na Igreja, com flores, o vestido, as fotografias... O matrimônio cristão é um sacramento que tem lugar na Igreja, e que também faz a Igreja, dando início a uma nova comunidade familiar.

É quanto resume o Apóstolo Paulo na sua célebre expressão: «Este mistério é grande; digo-o com referência a Cristo e à Igreja» (Ef 5,32). Inspirado pelo Espírito Santo, Paulo afirma que o amor entre os cônjuges é imagem do amor entre Cristo e a Igreja. Uma dignidade impensável! Mas na realidade ela está inscrita no desígnio criador de Deus e, com a graça de Cristo, foram inúmeros os

casais cristãos que a realizaram, não obstante os seus limites e pecados!

Falando sobre a nova vida em Cristo, São Paulo afirma que os cristãos — todos — são chamados a amar-se como Cristo os amou, ou seja, a «submeter-se uns aos outros» (Ef 5,21), que significa pôr-se ao serviço uns dos outros. E aqui ele introduz a analogia entre o casal marido-esposa e Cristo-Igreja. É claro que se trata de uma analogia imperfeita, mas devemos entender o seu sentido espiritual, que é deveras excelso e revolucionário, e ao mesmo tempo simples, ao alcance de cada homem e mulher que confia na graça de Deus.

O marido — diz Paulo — deve amar a esposa «como ao seu próprio corpo» (Ef 5,28); amá-la como Cristo «amou a Igreja e se entregou por ela» (v. 25). Mas vós maridos, que estais aqui presentes, compreendeis isto? Amar a vossa esposa como Cristo ama a Igreja? Não se trata de uma brincadeira, mas de algo sério! O efeito deste radicalismo da dedicação exigida do homem, para o amor e a dignidade da mulher, segundo o exemplo de Cristo, deve ter sido enorme, na própria comunidade cristã!

Esta semente da novidade evangélica, que restabelece a reciprocidade originária da dedicação e do respeito, amadureceu lentamente na história, mas no fim prevaleceu.

O sacramento do matrimônio é um grande ato de fé e de amor: dá testemunho da coragem de acreditar na beleza do gesto criador de Deus e de viver aquele amor que impele a ir sempre além, além de nós mesmos e da própria família. A vocação cristã para amar de modo incondicional e incomensurável é, com a graça de Cristo, quanto está também na base do livre consento que constitui o matrimônio.

A própria Igreja é plenamente partícipe na história de cada matrimônio cristão: ela edifica-se com os seus sucessos e padece com os seus fracassos. Mas devemos interrogar-nos com seriedade: nós mesmos aceitamos até ao fundo, como crentes e como pastores, também este vínculo indissolúvel da história de Cristo e da Igreja com a história do matrimônio e da família humana? Estamos dispostos a assumir seriamente esta



responsabilidade, ou seja, que cada matrimônio percorra o caminho do amor que Cristo tem pela Igreja? Isto é grandioso! Nesta profundidade do mistério da criação, reconhecido e restabelecido na sua pureza, abre-se um segundo grande horizonte que caracteriza o sacramento do matrimônio. A decisão de «desposar no Senhor» contém inclusive uma dimensão missionária, que significa ter no coração a disponibilidade a ser porta-voz

da Bênção de Deus e da graça do Senhor para todos. Com efeito, enquanto esposos, os cônjuges cristãos participam na missão da Igreja. É preciso ter coragem para isto! Por isso, quando saúdo os recém-casados, digo: «Eis os intrépidos!», porque é necessário ter coragem para se amar do modo como Cristo ama a Igreja.

A celebração do sacramento não pode excluir esta corresponsabilidade da vida familiar, em relação à grande missão de amor da Igreja. É assim que a vida da Igreja se enriquece todas as vezes com a beleza desta aliança sponsal, do mesmo modo como se depaupera cada vez que ela é desfigurada. Para oferecer a todos os dons da fé, do amor e da esperança, a Igreja precisa também da corajosa fidelidade dos esposos à graça do seu sacramento! O povo de Deus tem necessidade do seu caminho quotidiano na fé, no amor e na esperança, com todas as alegrias e dificuldades que este caminho comporta num matrimônio e numa família.

Assim, a rota é marcada para sempre, trata-se da rota do amor: ama-se como Deus ama, para sempre! Cristo não cessa de cuidar da Igreja: ama-a sempre, preserva-a sempre, como a si mesmo. Cristo não deixa de eliminar do semblante humano as manchas e as rugas de todos os tipos. É comovedora e muito bonita esta irradiação da força e da ternura de Deus, que se transmite de casal para casal, de família para família. São Paulo tem razão: trata-se mesmo de um «mistério grandioso»! Homens e mulheres, suficientemente intrépidos para levar este tesouro nos «vasos de barro» da nossa humanidade — homens e mulheres tão corajosos! — constituem um recurso essencial para a Igreja e também para o mundo inteiro. Deus os abençoe mil vezes por isto!

E) Catequese preparatória para o Encontro Mundial das Famílias em Philadelphia/EUA, 2015, O amor é nossa missão, 54-57

54. 1Coríntios 13, 4-7 é uma escolha popular das Escrituras para casamentos cristãos: “O amor é paciente; o amor é prestativo; não é invejosa, não se ostenta não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

55. O texto é lindo. Tendo sido criado à imagem de Deus, amar desta maneira é coerente com a nossa verdadeira natureza humana. Mas amar assim nunca é fácil. Exige humildade e paciência. Como o Papa Francisco disse recentemente: “A fé não é refúgio para os fracos de coração”. O amor conjugal deve ser construído sobre algo mais que um romance. O romance é maravilhoso - mas, sozinho, não pode sobreviver as preocupações e desafios que inevitavelmente se apresentam a todos os casais. Ser o que somos - amar como fomos criados para amar - certas virtudes são necessárias. Devemos estar atentos para essas virtudes e cultivá-las, a fim de cumprir nosso destino.

56. A “Teologia do Corpo” de São João Paulo II fala de uma certa “liberdade interior” e “autodomínio” de que os cônjuges precisam para verdadeiramente darem-se um ao outro. Uma pessoa também demasiada presa às expectativas românticas, sem o fermento da liberdade interior e da capacidade de autodoação, falta flexibilidade. Para viver a sacramentalidade do casamento e seguir o caminho da aliança, os esposos precisam da capacidade de transcender o ressentimento, deixar de lado os direitos e avançar na generosidade. Sem essa liberdade e poder interior, poderão surgir problemas sérios, porque a vida coloca os esposos em situações que, muitas vezes não são nada românticas.

57. Nenhum casamento fundado em mera atração sexual perdura. Os casais eróticos centrados principalmente na possessão mútua, não tem a habilidade interior de recuar e abrir espaço para a autocrítica, reconciliação e crescimento. A promessa conjugal de amar incondicionalmente como Deus nos ama, ajuda a criar e proteger este espaço vital. O compromisso sacramental de realizar a obra do amor, mesmo quando amar seja difícil, é um ingrediente essencial na aliança de Deus

3. Nos comprometermos juntos

COMPARTILHAR: Vamos compartilhar o que refletimos nestas leituras.

- O que significa ser "criado à imagem de Deus"? É possível compreender a identidade humana sem Deus? Por que?
- Em que se diferencia a maneira de amar de Deus da nossa maneira humana de amar?
- O que é o amor verdadeiro e como o reconhecemos? Quais são as semelhanças e diferenças entre a noção de amor romântico em sua cultura e o amor da aliança de Deus?
- Qual é a espiritualidade católica do matrimônio? O que as famílias podem fazer para celebrar e proteger o matrimônio cristão?
- Quais são os temas relacionados ao matrimônio que consideram indispensáveis que devem ser incluídos em nossos programas de formação OFS-JUFRA?
- O que podemos fazer em nossas comunidades para acompanhar (apoiar) os matrimônios?

BIBLIOGRAFIA A CONSULTAR:

- ✓ Exortação Apostólica Familiaris Consortio, Papa João Paulo II
- ✓ Catequese preparatória para o Encontro Mundial das Famílias em Philadelphia/EUA, 2015, O amor é nossa missão.

2017 "Cuidar da fragilidade humana: misericórdia e discernimento"



Roma, 24 de fevereiro de 2017.

Aos Conselheiros Internacionais da OFS e da Juventude Franciscana
Aos Conselhos Nacionais da OFS
Aos os Conselhos Nacionais da Juventude Franciscana

Queridos irmãos e irmãs, OFS e JUFRA,
Paz e todo Bem!

Confiando no Senhor que continua nos animando em nosso serviço a nossos irmãos e irmãs da OFS no mundo, a Comissão da Família da Presidência da CIOFS envia suas saudações neste ano que começa, esperando que juntos possamos levar adiante um frutuoso trabalho sobre o tema "Família", seguindo a direção que recebemos do nosso Capítulo Geral de 2014 em cujas conclusões têm a "Família" como uma de suas prioridades.

Considerando a proposta do Capítulo Geral que nos exorta a **"Tornar as Fraternidades da OFS locais de cuidado e apoio aos membros que vivem em situações familiares difíceis e com grandes desafios"**, estamos propondo alguns materiais para nossas Fraternidades locais refletirem.

Para este ano de 2017, o tema que propomos para reflexão e compromisso é: **"CUIDAR DA FRAGILIDADE HUMANA: MISERICÓRDIA E DISCERNIMENTO"**

O tema que propomos, leva-nos a prestar uma atenção maior para os fiéis que se encontram em situações complicadas, aos filhos, aos idosos, aos enfermos, para os que não tem uma família, ou aqueles em outras situações de fragilidade que frequentemente encontramos em nossas famílias, que requerem atenções especiais. Sobre este tema, encontramos muitas referências na Exortação Apostólica Pós Sinodal *"Amoris Lætitia"*.

Lembramos que uma das propostas aprovadas na reunião de março de 2015 do Conselho da Presidência (CIOFS) é celebrar o dia da família da OFS-JUFRA no dia 28 de abril de cada ano (ou em data próxima), festa dos Beatos Luquésio e Buonadonna, a primeira família de seculares franciscanos. Para celebrá-los, incentivamos a realizarem um encontro, jornada, convivência, Eucaristia, juntamente com suas famílias e as famílias de Jufristas. Com esta motivação, estamos publicando a cada dois meses, na página www.ciofs.org - um material com os quais os irmãos e irmãs poderão conhecer o Documento das Conclusões do Sínodo.

Este tema para 2017 é uma orientação e cada fraternidade deverá avaliar e refletir sobre ele, de acordo com suas necessidades. Recomendamos que as iniciativas adotadas pelas diversas Fraternidades como fruto desta proposta, sejam enviadas ao Secretariado do CIOFS para a Comissão da Família antes de outubro de 2017.

Que o Senhor vos abençoe e a Sagrada Família nos acompanhem em nossas iniciativas a favor da família.

Silvia Diana
Conselheira da Presidência
Comissão da Família

“CUIDAR A FRAGILIDADE HUMANA: MISERICÓRDIA E DISCERNIMENTO”

NOSSAS CONSTITUIÇÕES GERAIS DIZEM:

- Seja tema de diálogo e de partilha de experiência a espiritualidade familiar e conjugal e a abordagem cristã dos problemas familiares;
- Partilhem-se os momentos importantes da vida familiar dos co-irmãos e demonstre-se atenção fraterna com aqueles – solteiros, viúvos, pais sós, separados, divorciados – que vivem em situações difíceis. (...) Art 24.2

PROPOSTA DE TRABALHO:

Continuamos a proposta com nossa dinâmica de trabalho composta de três partes: VER, JULGAR E AGIR.

1. Perguntas para partilhar em Fraternidade ... (ver)

- Que situações de fragilidade nossas famílias enfrentam hoje?
- Como podemos ajudar nessas situações?
- Como estamos envolvidos nas iniciativas pastorais de nossa Igreja local em apoio à família.

2. Iluminar-nos em Fraternidade... - Material para reflexão. (Julgar)

- ✓ Os fiéis que se encontram em situações complicadas
- ✓ Os filhos
- ✓ Os idosos.
- ✓ Aqueles sem família
- ✓ Os que estão na pobreza

a. Os fiéis que se encontram em situações complicadas:

Queremos acompanhar, discernir e integrar: Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia*, 291-292.

Critérios para discernir de situações “irregulares”: Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia*, 29.

Os divorciados em uma nova união: Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia*, 298.

A lógica da integração dos batizados e casados em nova união somente no Civil: Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Lætitia*, 299.

A grande variedade de situações não permite uma nova norma geral de natureza canônica: Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia*, 300/301.

A lógica da misericórdia: Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Lætitia*, 312.

b. Os filhos:

Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Lætitia*, 51.

c. Idosos:

Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 27

Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Lætitia*, 191 e 193.

d. Os sem família:

Exortação apostólica *Familiaris Consortio*, 85

e. Os que estão na pobreza:

Papa Francisco - audiência geral. Quarta-feira, 3 de junho de 2015.

3. Nosso compromisso na Fraternidade - agir

a) Depois de iluminados pelos ensinamentos da Igreja e pela nossa partilha, que atitude podemos mudar diante dessas situações de fragilidade?

b) Os irmãos e irmãs em situação irregular podem participar de nossa fraternidade?

(Interpretação prática do art. 53.5 das Constituições Gerais Circ. 35/02-08)

c) Que contribuição concreta podemos dar à iniciativa pastoral de nossa Igreja e comunidade?

4. Rezemos a oração à Sagrada Família



2018 "Partilhando os momentos importantes da vida familiar dos irmãos" (CCGG 24).



Roma, 6 de março de 2018.

Aos Conselheiros Internacionais da OFS e da Juventude Franciscana
Aos Conselhos Nacionais da OFS
Aos Conselhos Nacionais da Juventude Franciscana

Queridos irmãos e irmãs, OFS e JUFRA,
Paz e Bem!

Neste terceiro material que enviamos para todos, propomos a vocês refletirem em nossas fraternidades locais, com base na proposta do Capítulo Geral de 2014 que nos convida a "Incentivar as Fraternidades da OFS a organizarem reuniões de família e partilhar, em geral, os momentos importantes da vida familiar" (CCGG, 24), dando-lhes também a oportunidade de compartilharem com a JUFRA e suas famílias.

Para este ano de 2018, o tema que propomos para reflexão e compromisso é: **"PARTILHANDO OS MOMENTOS IMPORTANTES DA VIDA FAMILIAR DOS IRMÃOS" (CCGG 24).**

Com esse tema, buscamos fortalecer o vínculo entre a família e a fraternidade, desde a formação, o encontro e a partilha de nossas vidas.

Da mesma forma, o Conselho Presidencial (CIOFS) continua convidando vocês para celebrarem o Dia da Família OFS-JUFRA em 28 de abril de cada ano (ou em data próxima), que coincida com a festa litúrgica do Beato Luquézio. e Buonadonna, a primeira família de leigos franciscanos.

Neste ano de 2018 será realizado o Encontro Mundial da Família na Irlanda, durante o mês de agosto, cujo tema será "O Evangelho da Família: Alegria para o Mundo". Esta Comissão da Família CIOFS partilhará oportunamente, o material para a preparação de um evento tão importante para a Igreja.

Atualmente, no site da CIOFS www.ciofs.org é publicado um material a cada dois meses, com o qual os irmãos e irmãs podem refletir com base no Documento das Conclusões do Sínodo e na Encíclica Amoris Laetitia.

O tema proposto para o ano de 2018 é orientativo e cada fraternidade deve avaliar e refletir sobre ele, de acordo com suas necessidades. Recomendamos que as iniciativas adotadas pelas várias Fraternidades como resultado desta proposta, sejam enviadas através da Secretaria da CIOFS, endereçado à Comissão da Família, antes de outubro de 2018.

Que o Senhor nos abençoe e a Sagrada Família nos acompanhe em nossas iniciativas a favor da família.

Silvia Diana
Conselheira da Presidência
Comissão da Família

TEMA ANUAL 2018

Comissão da Família:
 Sílvia Diana, OFS
 Jenny Harrington, OFS
 Frei Francis Dor, OFM Cap.

“COMPARTILHANDO OS MOMENTOS IMPORTANTE DA VIDA FAMILIAR DOS IRMÃOS”

Constituições Gerais do OFS, Art. 24.2:

1. Seja tema de diálogo e de partilha de experiência a espiritualidade familiar e conjugal e a abordagem cristã dos problemas familiares;
2. Partilhem-se os momentos importantes da vida familiar dos irmãos e demonstre-se atenção fraterna com aqueles – solteiros, viúvos, pais sós, separados, divorciados – que vivem em situações e condições difíceis ...

PROPOSTA DE TRABALHO: O método de trabalho proposto é o VER, JULGAR E AGIR.

1. VER

Experiências de vida de nossos irmãos para partilhar na fraternidade:

Testemunho de Eugenia Grundel e Fabrizio Martínez (OFS Uruguai): Família é um presente de Deus e queremos dividir com vocês como podemos integrá-la à Ordem Franciscana Secular, participando das atividades de nossa Fraternidade “San Francisco de Asís”, do bairro de Nuevo París em Montevideu (Uruguai).

As reuniões fraternas são realizadas nos lares dos irmãos da Fraternidade, e desta forma, algumas reuniões foram realizadas em nossa casa e nossos filhos viveram esses encontros fraternos, crescendo nessa vocação e possivelmente no desejo de serem parte da Família Franciscana. Algumas reuniões franciscanas têm sido feitas em um mosteiro de Clarissas localizado na zona rural. Lá as crianças gostam do encontro com a natureza e se tornam muito sensíveis às histórias da vida de Clara e Francisco. Eles gostam muito de ouvir, entre outras, o encontro de Francisco com os pássaros e com o lobo de Gubbio...

Para nós, tentar manter o equilíbrio entre “ser família” e “ser franciscanos seculares” é uma alegria, mas também um grande desafio que se torna um compromisso... E quando o caminho fica sombrio sempre temos um “norte”, tentamos ser um lar como o da Sagrada Família de Nazaré...

Testemunho de Jane De Rose-Bamman (OFS EUA): Todos nós temos vários “chapéus”. Sou esposa, filha, engenheira, funcionária, OFS, voluntária, cozinheira, dona de casa, contadora....

Não há problema com alguns “chapéus” ou papéis, enquanto outros são um pouco difíceis de combinar ou ficam sobrepostos. A família e a Fraternidade são duas áreas de nossas vidas que precisam ser mescladas.

Meu marido Brian, não é franciscano, mas participa das reuniões da fraternidade quando há festas ou dias especiais, mas ele não se sente chamado a comprometer-se formalmente com a forma de vida da OFS. Então eu me pergunto, se vivo minha vocação enquanto estou casada com ele, isto a força a viver também como franciscano? Ou ele não sendo franciscano torna mais difícil para mim viver minha vocação? A resposta é sim para ambas as perguntas. Minha vocação franciscana influencia nossas escolhas (tamanho da família, produtos que usamos, reciclagem, veículos que compramos, doações de caridade, atividades voluntárias). Por outro lado, minha vida de oração pode ser afetada porque estou “sozinha” para a oração da manhã e tarde e na maioria das vezes me distraio. Além disso, minha vontade de servir (desconforto em colocar meu nome nos Capítulos Eletivos) é afetada pelo potencial comprometimento de tempo, Brian e eu certamente falamos sobre Deus operando em nossas vidas e sabemos a importância de permitir que Ele nos guie. Embora não compartilhamos a vocação franciscana em nível formal, a Fraternidade é abençoada pela presença de Brian e por sua vontade de ajudar quando necessário. Sou abençoada por discutir minha vocação com Brian em casa. Em parte, isso está atrapalhando e confrontando-o, pois, de vez em quando, ele diz:

“Isso não é muito franciscano”. Com certeza eu espero que ele esteja provocando, mas algumas vezes ele está me desafiando a olhar para minhas ações ou minhas palavras, então agradeço. Agradeço a Deus por esses lembretes gentis, que me chamam de volta

a tentar viver a Regra em todos os momentos do dia. Paz e bem!

Testemunho de Pablo Corva (JUFRA Argentina): Comecei minha experiência na Juventude Franciscana quando eu era muito jovem, aos 11 anos, por isso a companhia e a ajuda de meus pais sempre foram muito importantes. Eles nunca participaram do OFS nem da JUFRA e descobriram ambas graças a mim. No entanto, eles sabiam que era algo que me fazia e aos meus dois irmãos, felizes!

Quando eu era mais jovem, provavelmente nunca entendi o quanto eles nos incentivavam a ser da JUFRA. Primeiramente, economicamente quando tínhamos que viajar ou, em casos mais simples, quando ainda era pequeno, me levavam à Paróquia aos sábados. E principalmente eles nos deram a liberdade de escolher ser Jufrista.

Minha casa estava sempre aberta para jantares, reuniões, preparação de Capítulos e reuniões do Conselho. E eles, por sua vez, sempre foram parte de nossas atividades, fosse uma Missa, um jantar da comunidade, uma oração na Paróquia ou alguma outra loucura que estávamos tentando fazer. Talvez nem sempre quiseram participar em todas essas coisas, mas sabiam o quanto éramos felizes vendo-os participarem. Eles me acompanharam na minha entrada no Período de Iniciação na Jufra e na conclusão do FBJ (Formação Base da Jufra), quando fui eleito Secretário Fraternal pela primeira vez e continuo até hoje. Quando criança, eu queria que eles participassem da OFS. Quando eu cresci, percebi que não era necessário, porque eles viviam a experiência de JUFRA junto comigo. Família e Paróquia nunca foram coisas separadas, a JUFRA e minha família sempre foram uma coisa só. Hoje agradeço a Deus por esse presente.

Para encerrar, devo dizer também que a OFS e a JUFRA se tornaram minha família. Hoje os



irmãos OFS são meus tios adotivos, os que estão começando na JUFRA parecem irmãos mais novos, a quem eu amo e cuido de todo o coração. Graças a JUFRA, tenho uma família linda e graças a minha família, posso dizer que sou um Franciscano. Paz e bem a todos.

Testemunho de Rosa de Galimberti (OFS Itália): A secularidade perpassa a família em todas as suas formas: como filhos, pais e cônjuges. Desta forma, a opção de ter uma vida carismática como a OFS, cria um pilar na família com a mesma identidade. Portanto, é impossível separar as duas experiências e é impensável viver as duas realidades separadamente.

Cada um de nós é um membro da sua Fraternidade, em sua própria identidade específica da condição humana. Por outro lado, seja qual for o papel ou o nível de serviço vivido na Fraternidade Franciscana, é de fato a experiência concreta e diária de pai, mãe, filho ou irmão na vida real.

Somente a escolha vocacional pode enriquecer e desenvolver a realidade existencial, espiritual e relacional. Portanto, é extremamente importante criar momentos de abertura e contato entre a Fraternidade como um corpo e seus membros. (A mãe de um frade é a mãe de todos os irmãos... LegPer 56). O ideal de Francisco de ser “... esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo...” (1CFi 1,3) passa pela experiência de um amoroso relacionamento fraterno entre as pessoas, apenas aparentemente estranhas uns aos outros, assim como a maneira de lidar com os pobres e os últimos entre nós, através da força do amor fraterno e materno. “... como uma mãe ama e nutre seu filho carnal, então...” (1Reg 9,14).

A família de sangue não deveria considerar a Fraternidade como um lugar fechado e privado, onde o familiar se doa durante grande parte de sua vida, mas um ambiente aberto onde encontramos, diálogo, compreensão, crescimento e somos bem recebidos.

A Fraternidade, como tal, levando em consideração as condições de vida e os relacionamentos de seus membros, também pode aumentar sua capacidade de penetrar na realidade social, enriquecendo-a com sensibilidade afetiva e

atenção concreta. Promover oportunidades de interação e intercâmbio entre a Fraternidade e as famílias de seus membros é, portanto, uma fonte enriquecedora de crescimento e desenvolvimento do próprio sentido de Fraternidade, expansão mútua e extensão do bem comum: as alegrias e as tristezas de todos e de cada um, para viver a comunhão fraterna mais profundamente.

É oportuno e genuinamente franciscano, portanto, com imaginação criar e desenvolver oportunidades e situações, para que aniversários de nascimento e de profissão, festas, mas também doenças, acidentes físicos, materiais e espirituais, possam ser vividos intensamente, como membros de um só corpo. CCGG 24,2).

Testemunho de Agnes Lim (OFS Coréia): 1. Partilha na Fraternidade: Não é fácil ajudar uma irmã ou irmão pobre na fraternidade. Cada membro dá o seu melhor, dada a situação de cada um, e vivem com o senso de autorrespeito. A vida de cada membro deve ser respeitada pelos outros membros. A ajuda material para uma irmã ou irmão pobre pode desenvolver um relacionamento de “benfeitor” e “beneficiado”, e esse relacionamento não é desejado entre os membros da fraternidade. É mais importante compartilhar como irmãos e irmãs.

Em nossa fraternidade, nos concentramos em partilhar experiências, espiritualidade e reflexões em cada reunião e fazemos refeições juntos. E quando alguém está doente, visitamos o irmão ou a irmã e mostramos nossa genuína preocupação e unidade na oração.

2. Partilha na família: O ponto mais importante da partilha na família é a ordem na família. Os pais devem ter autoridade e isso se desenvolve quando os pais se amam e se respeitam, cumprem bem seus deveres diários e dão um bom exemplo. Os pais crescem, nutrem e educam os filhos com amor. Os pais devem garantir que nada preocupe os filhos. Os pais devem compreender os filhos, ouvi-los e ensiná-los através do diálogo. Diálogo, compreensão, respeito e cuidado devem estar presentes no relacionamento entre pais e filhos. Uma coisa que é mais importante na família é a oração contínua



em conjunto ou a oração um pelo outro, dependendo da situação.

Testemunho de Frank Quiróz (OFS Costa Rica): Nossa Regra e Vida nos diz: “... tornem-se testemunhas e instrumentos de sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida

e pela palavra” (Rg 6). E essa palavra não é apenas para proclamar os ensinamentos de Nosso Senhor, mas convidar também como Jesus fez aos seus apóstolos em Mt 4,19: “Disse-lhes: Segui-me e eu vos farei pescadores de homens”. Como pescadores ou semeadores (como fomos ensinados na Parábola do Semeador), somos chamados a imitar a Cristo, convidando as pessoas ao nosso redor a conhecer o abraço amoroso que Deus tem por cada um de nós. Entre essas pessoas está nossa amada família, com quem compartilhamos a vida cotidiana.

Convidar nossa família para partilhar nossa Fraternidade é uma oportunidade de refletir Cristo através do abraço fraterno, para poder estabelecer laços mais próximos e profundos com Nosso Pai e, desta forma, com cada um dos membros de nossa família. É a oportunidade que você dá, para descobrirem Jesus, através do carisma franciscano. É momento para se conectar com Deus através da oração, formação e manifestar concretamente o que você vem aprendendo, não apenas na Fraternidade, mas junto com sua própria família.

“Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e a tua casa” (At 16,31). Convido você a fortalecer nossos laços familiares. Um abraço fraterno. Paz e Bem!

Testemunho de Patrick Macharia (OFS Quênia): Em nossas fraternidades, existem alguns casais em que ambos são franciscanos seculares e fazemos visitas de casa em casa para nos conhecermos melhor e suas famílias.

A vida familiar é a principal e acima de tudo a mais importante instituição humana que Deus criou na terra. A vida familiar é sagrada e isso significa, que o sexo é sagrado quando realizado depois que o homem e a mulher, consagram a vida conjugal com o sacramento do matrimônio caso contrário, o sexo fora do casamento é um pecado e abuso de instituições sagradas. A vida de casado não é fácil, cada um de nós precisa da graça de Deus.

Toda vez que as pessoas pretendem se casar, é necessário casais muito experientes e estabelecidos, para acompanhá-los, na jornada durante o período de namoro e nos primeiros dias de seu casamento. Lembrem-se também que a vida em família é muito interessante quando se aceitam e se entendem nos pontos fracos e fortes da vida de cada um.

É sempre recomendável que cada casal se junte a grupos de casais para que eles possam aprender facilmente com outros casais. No Quênia, temos diferentes grupos dentro da Igreja Católica. Pessoalmente, sou casado com Gladys e fomos abençoados com três filhos: Veronica Clare, Francis e Bridget. Estamos casados há 19 bons anos e trabalhamos juntos. Moramos em Eatland, na parte norte de Nairóbi, não somos ricos nem somos pobres. Somos capazes de alimentar, abrigar, vestir e educar nossos filhos, entre outros.

Depoimento de Balázs Paczolay, (OFS Hungria): Recebi uma vocação para me converter num homem "simples". Este mundo, em húngaro, significa ao mesmo tempo um tema profundo, a veneração da vida e da natureza que recebemos de Deus. Para mim, isso é "simplicidade franciscana". Significa a vida que o Criador deu a um homem e uma mulher na forma de uma criança, por um lado, e a vida evangélica, por outro, que deve ser vivida dentro de uma comunidade: família, grupos de oração, comunidade paroquial, em equipe, no local de trabalho...

Em tudo isso, tenho que viver simultaneamente a generosidade que significa estar sempre pronto para ouvir meu "sedento" irmão ou irmã, dedicar meu tempo, meu espaço de vida e, se necessário, meus dons materiais. Devo admitir que muitas vezes parece que oferecer dinheiro nem sempre é o mais difícil. Entretanto, na minha experiência, dinheiro não é o que mais falta aos nossos vizinhos: eles estão procurando carinhosa atenção.

Em nossa fraternidade local, de acordo com a agenda, nos reunimos uma vez por semana. No entanto, como moramos em uma cidade pequena, frequentemente nos encontramos no supermercado, na Igreja, na escola, no médico e, por último, mas não menos importante, nos aniversários de cada irmão - tudo isso nos aproxima muito mais um do outro. Acredito que em uma verdadeira Fraternidade Secular, irmãos e irmãs compartilham a vida uns dos outros. Louvando a Deus na fraternidade, alegrando-se juntos e

apoiando-se em tempos difíceis, tudo isso é fundamental na vida de uma fraternidade da OFS. Orar juntos nos mantém na mesma videira, sem alegria não poderíamos espalhar a Boa Nova (o Evangelho). O apoio mútuo me lembra da disponibilidade, de estar a serviço dos outros: aceitando aqueles que lutam com problemas ou doenças onde quer que seja, com o coração e os braços abertos.

Embora eu seja grato pelo modo franciscano de ser, não é um caminho fácil, - no entanto é uma boa - acrescentaria: este caminho, é "somente" uma boa oportunidade para seguirmos a Deus, enquanto o casamento é um sacramento. Portanto, peço a todos que vivam sua vida familiar com muito amor, fidelidade e prioridade. Caso você tenha algum conflito com seu cônjuge, primeiro esclareça e discuta com ele/ela. Caso seu filho tenha uma questão importante, primeiro discuta com ele/ela, dê a ele/ela orientação e somente depois disso deveria ir à Fraternidade. "Em sua família vivam o espírito franciscano da paz, da fidelidade e do respeito à vida, esforçando-se para fazer dela um sinal de um mundo já renovado em Cristo" (Rg 17).

2. JULGAR:

Iluminando-nos em Fraternidade. Material para reflexão: Exortação Apostólica Pós Sinodal *Amoris Lætitia*, 183, 315, 316, 324.

3. AGIR:

Comprometendo-nos na fraternidade:

- ✓ Por que você acha importante o relacionamento entre sua família e a fraternidade local?
- ✓ Temos reuniões durante o ano de nossas famílias e a Fraternidade local, quais?
- ✓ Como podemos fortalecer o vínculo familiar-fraternidade?
- ✓ Que ações concretas podemos tomar neste ano de 2018 para fortalecer este laço família-fraternidade?

4. CELEBRAR:

Compartilharmos a Oração à Sagrada Família e cada um levará neste dia uma foto de sua família que será oferecida durante a oração, apresentando cada membro de sua família.

2019
"A família nas diferentes Encíclicas
e no Catecismo da Igreja Católica"



Roma, 11 de fevereiro de 2019.

A todos Conselheiros Internacionais da OFS e da Juventude Franciscana
A todos Conselhos Nacionais da OFS
A todos Conselhos Nacionais da Juventude Franciscana

Queridos irmãos e irmãs,
OFS e JUFRA

Paz e todo Bem!

Neste material que estamos enviando a todas as fraternidades, continuamos propondo o que foi assumido como prioritário no Capítulo Geral de 2014 que nos convida "a incluir o significado da sexualidade e o sacramento do casamento em todos os programas de formação do OFS e JUFRA".

Para o ano de 2019, o tema que propomos para formação de nossas fraternidades locais é: **"A família nas diferentes Encíclicas e no Catecismo da Igreja Católica"**.

O tema proposto para o ano de 2019 é orientativo e cada Fraternidade deve avaliar e refletir sobre ele, de acordo com suas necessidades. Convidamos as Fraternidades que desejam compartilhar seus materiais de treinamento sobre a família com outras fraternidades, devem enviá-los à Comissão da Família por meio do Secretariado da CIOFS.

Peço especialmente aos Conselheiros Internacionais da OFS e JUFRA que enviem para todos os níveis, este material que com muito esforço, fizemos para vocês, uma vez que em algumas das visitas descobrimos que eles não conheciam nossa proposta anual de temas.

A Presidência continua a propor que o OFS e JUFRA celebrem o Dia da Família em 28 de abril de cada ano (ou em data próxima a essa data). Seu objetivo é animar a vida de nossas Fraternidades e coincide com a festa litúrgica do Beato Luquésio e Buonadonna, a primeira família franciscana secular.

Até agora, a cada dois meses, publicamos material para reflexão no site da CIOFS www.ciofs.org. - baseados no Documento das Conclusões do Sínodo e na Encíclica *Amoris Lætitia*, e a cada quatro meses, são publicadas fichas de formação sobre diferentes temas sobre a família.

Que o Senhor nos abençoe e nos acompanhe em nossas iniciativas em favor das famílias, que seu amor nos encha de graça para continuar protegendo esse valor tão sagrado.

Silvia Diana
Conselheira da Presidência
Comissão da Família

Comissão da Família:
Sílvia Diana, OFS
Jenny Harrington, OFS
Frei Francis Dor, OFM Cap.

“A família nas diferentes encíclicas e o catecismo da Igreja Católica”

Constituições Gerais

Art. 24,3 - Os irmãos colaborem com os esforços que se envidam na Igreja e na sociedade para afirmar o valor da fidelidade e do respeito pela vida e para dar resposta aos problemas sociais da família.

Art. 44,3 – A formação permanente, também mediante cursos, encontros, intercâmbio de experiências, tem a finalidade de ajudar todos os irmãos: ...“a refletirem, iluminados pela fé e ajudados pelos documentos do magistério, sobre os acontecimentos da Igreja e da sociedade, assumindo, em consequência, posições coerentes...”

PROPOSTA DE TRABALHO: Nosso trabalho está centrado nas seguintes palavras: VER, JULGAR E AGIR.

1. VER

A família se encontra em uma situação dramática de transformações. Vemos enormes mudanças sociais, políticas, técnicas e religiosas em nossa sociedade. Ao mesmo tempo, observamos como nossas famílias, foram forçadas a aceitar desafios, que seus pais nunca imaginaram. É como se, em nosso mundo, a família e seu projeto tivessem sido convertidos em um sonho impossível.

A Igreja, ao longo da história, acompanhou a família com documentos que nos ajudam a discernir uma maneira de cuidar, proteger e acompanhar nossas famílias. Neste material, proporemos alguns artigos para refletir sobre a Fraternidade e continuar compartilhando nossa vida em família. Como já refletimos sobre a última exortação *Amoris Lætitia*, nos concentraremos nos documentos anteriores.

2. JULGAR: Leiamos os seguintes documentos com atenção:

Concílio Vaticano II - *Lumen Gentium*, 1964, nº. 35

35 ... nesta obra, desempenha grande papel aquele estado de vida que é santificado por um sacramento próprio: a vida matrimonial e familiar. Aí se encontra um exercício e uma admirável escola de apostolado dos leigos, se a religião penetrar toda a vida e a transformar cada vez mais. Aí

encontram os esposos a sua vocação própria, de serem um para o outro e para os filhos as testemunhas da fé e do amor de Cristo. A família cristã proclama em alta voz as virtudes presentes do reino de Deus e a esperança na vida bem-aventurada. E deste modo, pelo exemplo e pelo testemunho, argui o mundo do pecado e ilumina aqueles que buscam a verdade.

***Gaudium et spes*, 1965; nº. 47**

A PROMOÇÃO DA DIGNIDADE DO MATRIMÔNIO E DA FAMÍLIA

47. O bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar. Por esse motivo, os cristãos, juntamente com todos os que têm em grande apreço esta comunidade, alegram-se sinceramente com os vários fatores que fazem aumentar entre os homens a estima desta comunidade de amor e o respeito pela vida e que auxiliam os cônjuges e os pais na sua sublime missão. Esperam daí ainda melhores resultados e esforçam-se por os ampliar.

Porém, a dignidade desta instituição não resplandece em toda a parte com igual brilho. Encontra-se obscurecida pela poligamia, pela epidemia do divórcio, pelo chamado amor livre e outras deformações. Além disso, o amor conjugal é muitas vezes profanado pelo egoísmo, amor do prazer e por práticas ilícitas contra a geração. E as atuais condições econômicas, socio-psicológicas e

civis introduzem ainda na família não pequenas perturbações. Finalmente, em certas partes do globo, verificam-se, com inquietação, os problemas postos pelo aumento demográfico. Com tudo isto, angustiam-se as consciências. Mas o vigor e a solidez da instituição matrimonial e familiar também nisto se manifestam: as profundas transformações da sociedade contemporânea, apesar das dificuldades a que dão origem, muito frequentemente revelam de diversos modos a verdadeira natureza de tal instituição.

Por tal motivo, o Concílio, esclarecendo alguns pontos da doutrina da Igreja, deseja ilustrar e robustecer os cristãos e todos os homens que se esforçam por proteger e fomentar a nativa dignidade do estado matrimonial e o seu alto e sagrado valor.

***Apostolicam Actuositatem*, 1996, nº. 11**

11. O criador de todas as coisas constituiu o vínculo conjugal princípio e fundamento da sociedade humana e fê-lo, por sua graça, sacramento grande em Cristo e na Igreja (cfr. Ef. 5, 32). Por isso, o apostolado conjugal e familiar tem singular importância tanto para a Igreja como para a sociedade civil.

Os esposos cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé um para com o outro, para com os filhos e demais familiares. Eles são os primeiros que anunciam aos filhos a fé e os educam. Formam-nos, pela palavra e pelo exemplo, para a vida cristã e apostólica. Ajudam-nos com prudência a escolher a sua vocação e fomentam com todo o cuidado a vocação de consagração porventura neles descoberta.

Foi sempre dever dos esposos e hoje é a maior incumbência do seu apostolado: manifestar e demonstrar, pela sua vida, a indissolubilidade e a santidade do vínculo matrimonial; afirmar vigorosamente o direito e o dever próprio dos pais e tutores de educar cristãmente os filhos; defender a dignidade e legítima autonomia da família. Cooperem, pois, eles e os outros cristãos, com os homens de boa vontade para que estes direitos sejam integralmente assegurados na legislação civil. No governo da sociedade, tenham-se em



conta as necessidades familiares quanto à habitação, educação dos filhos, condições de trabalho, seguros sociais e impostos. Ao regulamentar a migração salve-se sempre a convivência doméstica.

Foi a própria família que recebeu de Deus a missão de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumprirá essa missão se mostrar, pela piedade mútua dos seus membros e pela oração feita a Deus em comum, como que o santuário doméstico da Igreja; se toda a família se inserir no culto litúrgico da Igreja e, finalmente, se a família exercer

uma hospitalidade atuante e promover a justiça e outras boas obras em serviço de todos os irmãos que sofrem necessidade. Podem enumerar-se, entre as várias obras de apostolado familiar, as seguintes: adotar por filhos crianças abandonadas, receber com benevolência estrangeiros, coadjuvar no regime das escolas, auxiliar os adolescentes com conselhos e meios materiais, ajudar os noivos a prepararem-se melhor para o matrimônio, colaborar na catequese, auxiliar os esposos e as famílias que se encontram em crise material ou moral, proporcionar aos velhos não só o necessário, mas também fazê-los participar, com equidade, dos frutos do progresso econômico.

As famílias cristãs, pela coerência de toda a sua vida com o Evangelho e pelo exemplo que mostram do matrimônio cristão, oferecem ao mundo um preciosíssimo testemunho de Cristo, sempre e em toda a parte, mas sobretudo naquelas regiões em que se lançam as primeiras sementes do Evangelho ou em que a Igreja está nos começos ou atravessa alguma crise grave.

Pode ser oportuno que as famílias se, unam em certas associações para mais facilmente poderem atingir os fins do seu apostolado.

***Gravissimum Educationis*, 1965; nº. 3**

3. Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores (11). Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus

e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade. Mas, é sobretudo, na família cristã, ornada da graça e do dever do sacramento do Matrimônio, que devem ser ensinados os filhos desde os primeiros anos, segundo a fé recebida no Batismo a conhecer e a adorar Deus e a amar o próximo; é aí que eles encontram a primeira experiência quer da própria sociedade humana quer da Igreja; é pela família, enfim, que eles são pouco a pouco introduzidos no consórcio civil dos homens e no Povo de Deus. Caiam, portanto, os pais na conta da importância da família verdadeiramente cristã na vida e no progresso do próprio Povo de Deus (12).

O dever de educar, que pertence primariamente à família, precisa da ajuda de toda a sociedade. Portanto, além dos direitos dos pais e de outros a quem os pais confiam uma parte do trabalho de educação, há certos deveres e direitos que competem à sociedade civil, enquanto pertence a esta ordenar o que se requer para o bem comum temporal. Faz parte dos seus deveres promover de vários modos a educação da juventude: defender os deveres e direitos dos pais e de outros que colaboram na educação e auxiliá-los; segundo o princípio da subsidiariedade, ultimar a obra da educação, se falharem os esforços dos pais e das outras sociedades, tendo, todavia, em consideração, os desejos dos pais; além disso, fundar escolas e instituições próprias, na medida em que o bem comum o exigir (13).

Finalmente, por uma razão particular pertence à Igreja o dever de educar, não só porque deve também ser reconhecida como sociedade humana capaz de ministrar a educação, mas sobretudo porque tem o dever de anunciar a todos os homens o caminho da salvação, de comunicar aos crentes a vida de Cristo e ajudá-los, com a sua contínua solicitude, a conseguir a plenitude desta vida (14). Portanto, a Igreja é obrigada a dar, como mãe, a estes seus filhos aquela educação, mercê da qual toda a sua vida seja imbuída do espírito de Cristo; ao mesmo tempo, porém, colabora com todos os povos na promoção da perfeição integral da pessoa humana, no bem da sociedade terrestre e na edificação dum mundo configurado mais humanamente.

100. Neste grande esforço por uma nova cultura da vida, somos sustentados e fortalecidos pela confiança de quem sabe que o Evangelho da vida, como o Reino de Deus, cresce e dá frutos abundantes (cf. Mc 4, 26-29). Certamente é enorme a desproporção existente entre os meios numerosos e potentes, de que estão dotadas as forças propulsoras da « cultura da morte », e os meios de que dispõem os promotores de uma « cultura da vida e do amor ». Mas nós sabemos que podemos confiar na ajuda de Deus, para Quem nada é impossível (cf. Mt 19, 26).

Com esta certeza no coração e movido de pungente solicitude pela sorte de cada homem e mulher, repito hoje a todos aquilo que disse às famílias, empenhadas em suas difíceis tarefas por entre as ciladas que as ameaçam: [135] é urgente uma grande oração pela vida, que atravesse o mundo inteiro. Com iniciativas extraordinárias e na oração habitual, de cada comunidade cristã, de cada grupo ou associação, de cada família e do coração de cada crente eleve-se uma súplica veemente a Deus, Criador e amante da vida. O próprio Jesus nos mostrou com o seu exemplo que a oração e o jejum são as armas principais e mais eficazes contra as forças do mal (cf. Mt 4, 1-11), e ensinou aos seus discípulos que alguns demônios só desse modo se expulsam (cf. Mc 9, 29). Então, encontremos novamente a humildade e a coragem de orar e jejuar, para conseguir que a força que vem do Alto faça ruir os muros de enganos e mentiras que escondem, aos olhos de muitos dos nossos irmãos e irmãs, a natureza perversa de comportamentos e de leis contrárias à vida, e abra os seus corações a propósitos e desígnios inspirados na civilização da vida e do amor.

Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, Papa João Paulo II

O homem imagem de Deus Amor

11. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança: chamando-o à existência por amor, chamou-o ao mesmo tempo ao amor.

Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano.

Enquanto espírito encarnado, isto é, alma que se exprime no corpo informado por um espírito imortal, o homem é chamado ao amor nesta sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual.

A Revelação cristã conhece dois modos específicos de realizar a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor: o Matrimônio e a Virgindade. Quer um quer outro, na sua respectiva forma própria, são uma concretização da verdade mais profunda do homem, do seu "ser à imagem de Deus".

Por consequência a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal. Esta realiza-se de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente: se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não se doaria totalmente.

Esta totalidade, pedida pelo amor conjugal, corresponde também às exigências de uma fecundidade responsável, que, orientada como está para a geração de um ser humano, supera, por sua própria natureza, a ordem puramente biológica, e abarca um conjunto de valores pessoais, para cujo crescimento harmonioso é necessário o estável e concorde contributo dos pais.

O "lugar" único, que torna possível esta doação segundo a sua verdade total, é o matrimônio, ou seja, o pacto de amor conjugal ou escolha consciente e livre, com a qual o homem e a mulher recebem a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus que só a esta luz manifesta o seu verdadeiro significado. A instituição matrimonial não é uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, nem a imposição extrínseca de uma forma, mas uma exigência interior do pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade ao desígnio de Deus Criador. Longe de mortificar a liberdade da pessoa, esta fidelidade põe-na em

segurança em relação ao subjetivismo e relativismo, fá-la participante da Sabedoria Criadora.

Os filhos, dom preciosíssimo do matrimônio

14. Segundo o desígnio de Deus, o matrimônio é o fundamento da mais ampla comunidade da família, pois que o próprio instituto do matrimônio e o amor conjugal se ordenam à procriação e educação da prole, na qual encontram a sua coroação.

Na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente dom e o amor conjugal, enquanto conduz os esposos ao "conhecimento" recíproco que os torna "uma só carne", não se esgota no interior do próprio casal, já que os habilita para a máxima doação possível, pela qual se tornam cooperadores com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmo a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe.

Tornando-se pais, os esposos recebem de Deus o dom de uma nova responsabilidade. O seu amor paternal é chamado a tornar-se para os filhos o sinal visível do próprio amor de Deus, "do qual deriva toda a paternidade no céu e na terra".

Não deve, todavia, esquecer-se que, mesmo quando a procriação não é possível, nem por isso a vida conjugal perde o seu valor. A esterilidade física, de fato, pode ser para os esposos ocasião de outros serviços importantes à vida da pessoa humana, como por exemplo a adoção, as várias formas de obras educativas, a ajuda a outras famílias, às crianças pobres ou deficientes.

A família, comunhão de pessoas

15. No matrimônio e na família constitui-se um complexo de relações interpessoais - vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade - mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na "família humana" e na "família de Deus", que é a Igreja.

O matrimônio e a família dos cristãos edificam a Igreja: na família, de fato, a pessoa humana não só é gerada e progressivamente introduzida, mediante a educação, na comunidade humana, mas mediante a regeneração do batismo e a educação na fé, é introduzida também na família de Deus, que é a Igreja.

A família humana, desagregada pelo pecado, é reconstituída na sua unidade pela força redentora da morte e ressurreição de Cristo. O matrimônio cristão, partícipe da eficácia salvífica deste acontecimento, constitui o lugar natural onde se cumpre a inserção da pessoa humana na grande família da Igreja.

O mandato de crescer e de multiplicar-se, dirigido desde o princípio ao homem e à mulher, atinge desta maneira a sua plena verdade e a sua integral realização.

A Igreja encontra assim na família, nascida do sacramento, o seu berço e o lugar onde pode atuar a própria inserção nas gerações humanas, e estas, reciprocamente, na Igreja.

Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

66. A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimônio tende a ser visto como mera forma de gratificação afetiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas a contribuição indispensável do matrimônio à sociedade supera o nível da afetividade e o das necessidades ocasionais do casal. Como ensinam os Bispos franceses, não provém "do sentimento amoroso, efêmero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total".

67. O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos



entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente nalguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos "a carregar as cargas uns dos outros" (Gl 6, 2). Além disso, vemos

hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo se manifesta uma sede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural.

Você pode escolher entre os seguintes artigos do Catecismo da Igreja para refletir aqui:

CATEQUISMO DA IGREJA CATÓLICA 1992; n^{os}. 1601-1666, 1691-1698, 2331-2359, 2360-2400, 2514-2533.
http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html

3. AGIR:

Perguntas para refletir na fraternidade

1. Você reconheceu a riqueza desses documentos da Igreja sobre a família?
2. Quais são os valores da família que aprendemos neles?
3. Que temas da família estão incluídos em nossos planos de formação?
4. Qual poderia ser a nossa contribuição como fraternidade para ajudar a enfrentar os novos desafios que a família tem hoje?

MATERIAIS DE REFERÊNCIA:

Encíclicas: *Humanae Vitae*; *Evangelium Vitae*.

Exortações Apostólicas: *Familiaris Consortio*; *Evangelii Gaudium* e Exortação Pós Sinodal *Amoris Lætitia*.

2020 “Diálogo construtivo na família”



Roma, 7 de fevereiro de 2020

A todos Conselheiros Internacionais da OFS e da Juventude Franciscana
A todos Conselhos Nacionais da OFS
A todos os Conselhos Nacionais da Juventude Franciscana

Queridos irmãos e irmãs,
OFS e JUFRA,

Paz e todo Bem!

Este é o quinto de uma série que estamos enviando à todas as fraternidades. Propomos que vocês reflitam com nossas Fraternidades locais, com base na proposta do Capítulo Geral de 2014 que nos convidou a: “Promover a oração e o diálogo construtivo na família. Quando for conveniente e necessário, “encoraje a formação de grupos de casamento e de família”. (CCGG 24,2).

Para o ano de 2020, o tema que estamos propondo para reflexão e engajamento é: **“Diálogo construtivo na família”**.

Com esse tema, buscamos fortalecer o vínculo entre a família, utilizando a importância do diálogo e o encontro de família. O site da CIOFS (www.ciofs.org) publica material a cada quatro meses sobre diferentes temas da família em que irmãos e irmãs podem refletir.

O tema, proposto para o ano 2020, é um ponto de partida e cada Fraternidade deve avaliar e refletir sobre ele, com base em suas próprias necessidades. Recomendamos que as iniciativas adotadas pelas várias Fraternidades como resultado desta proposta sejam divulgadas por meio da Secretaria do CIOFS, endereçada à Comissão da Família antes de agosto de 2020.

Que o Senhor nos abençoe e que a Sagrada Família nos acompanhe em nossas iniciativas em prol da família.

Silvia Diana
Conselheira da Presidência
Comissão da Família

“Diálogo construtivo na família”

Caros irmãos e irmãs, continuamos a compartilhar a vida da família nesta proposta de formação para as Fraternidades locais da OFS e JUFRA. A proposta para o ano de 2020 é um grande desafio para as famílias de hoje, portanto, incentivamos vocês a refletirem juntos.

Constituições Gerais, art. 24.2 - Seja tema de diálogo e de partilha de experiência a espiritualidade familiar e conjugal e a abordagem cristã dos problemas familiares.

PROPOSTA DE TRABALHO: Desenvolvemos uma dinâmica de trabalho utilizando o método: VER, JULGAR E AGIR

1. VER

Convidamos vocês a lerem algumas reflexões dos irmãos e irmãs da OFS que nos ajudarão a conhecer nossa realidade em relação a esse tema:

“...Família, uma escola de amor, um espaço privilegiado, nele começa o amor entre esposos, entre pais e filhos, e é na família que os filhos também descobrem o amor de Cristo. Um dos costumes que nunca deve ser perdido é o diálogo. Deve ser incentivado e promovido todos os dias. O diálogo construtivo apoia valores importantes como respeito, comunicação, tolerância com os outros e a capacidade de admitir erros. Não deve ser um monólogo, mas, na apresentação de ideias de todos os membros da Família, todos têm a oportunidade de se expressar e de responder em um ambiente de tranquilidade e liberdade.

Um dos fatores críticos hoje é precisamente o diálogo; seja por falta de confiança mútua entre os cônjuges, pelo domínio de um cônjuge sobre outro, bem como por conflitos de gerações entre pais e filhos. O drama vivido nessas situações é o desaparecimento progressivo das possibilidades de diálogo, a falta de tempo e espaço para a construção de relações familiares, a falta de comunicação, a falta de compartilhamento de coisas; estas fazem cada um enfrentar suas dificuldades sozinho; e a frustração se torna uma característica nessa situação. A dependência da mídia e das redes sociais se tornam fatores que comprometem o diálogo construtivo da família...”

Mirtha Ferreira OFS, Paraguaí

“Em qualquer campo humano ou espiritual, encontramos uma palavra que reúne diversas necessidades e, ao mesmo tempo um mundo de oportunidades e medidas de melhoria: "necessidade". A necessidade leva o ser humano a encontrar meios de atendê-la. Este é um chamado pessoal e comunitário. Transferidos para o ambiente familiar, podemos dizer que a grande necessidade de afeto aumenta dia a dia, e isso, por sua vez, está se degenerando em uma crise total do ser humano, de seu ser social, de seu ser filho de Deus.

São Francisco de Assis, “o homem dos abraços”, mostra-nos a importância do relacionamento face a face e da estrutura de ser família, e é exatamente no ambiente familiar que a “presença” também é de vital importância. Com a presença, comunicamos e o diálogo a complementa, uma dupla infalível e necessária para construir a fraternidade... para construir a família.

Hoje, por várias razões, os membros da família simplesmente não estão. Os lares parecem lugares de auto serviço - chegamos, comemos, descansamos e saímos para ir trabalhar ou estudar.

Onde está a família? Se eles não estão, não é possível dialogar, e se não houver diálogo, estamos contribuindo para pessoas solitárias, sem esperança e sem a oportunidade de experimentar crescimento na comunidade... na fraternidade... na família...

Portanto, vamos considerar a presença como o primeiro passo para o diálogo "construtivo". A própria presença expressa a disponibilidade de alguém para não apenas acompanhar, mas também a disponibilidade para

ouvir - não uma escuta passiva, mas uma escuta que ouve, acolhe, entende e contribui e, nesta dinâmica, podemos expressar nossas necessidades, nossas ideias, nossas sugestões... vamos "oferecendo" nossos tijolos na construção diária da fraternidade universal da família".

Ana Maria Raffo Laos, Peru

"Em um mundo cada vez mais impessoal e caótico, a família imediata se tornou o baluarte do apoio emocional (Horton, 1979).

Desde tempos imemoriais, a família tem sido o lugar privilegiado e insubstituível para relacionamentos humanos de qualidade, onde cada pessoa que compartilha do interior de um lar, tem a bênção de crescer, aprender, socializar e desenvolver todo o seu potencial, que serão compartilhados posteriormente em outros relacionamentos dessas pessoas.

Para atingir esse objetivo, é necessário que a família garanta em seus membros fortes laços emocionais com confiança, apoio, amor e compreensão, como parte das raízes que fortalecem a unidade do sistema familiar que, por sua vez, se traduzirão no futuro em vínculos saudáveis com outros no dia a dia.

Constitui, assim, uma tarefa fundamental para a família - a modificação das atitudes, práticas e interações, baseadas na distância, indiferença, violência, como aspectos que transformam a família em um espaço tenso e insuportável para viver e se desenvolver. O desafio diário é transformar a casa em um lugar seguro e harmonioso, onde todos os dias uma pessoa possa recuperar o ânimo e renovar as forças para enfrentar as dificuldades que encontramos no mundo atual em que vivemos, assolado pelo individualismo, anonimato e as relações a distância ou virtuais.

Virginia Satir (1991), menciona que as famílias oscilam entre duas propostas. Embora possam ser vistas como extremas, a decisão final das famílias é ficarem no meio delas, ora num lado ora no outro. Esses tipos de famílias são referidos, pela autora, como famílias que se cultivam e no extremo oposto, famílias conflitantes. No primeiro, existem pessoas que se valorizam de maneira positiva e são capazes de valorizar os outros igualmente; eles mantêm comunicação

direta, clara e sincera; eles praticam padrões humanos flexíveis e abertos a mudanças; eles estabelecem vínculos abertos e confiantes com o ambiente social.

Por outro lado, quando vivem em uma família conflituosa, as pessoas têm uma baixa autoestima; a comunicação é fechada, indireta, sarcástica; regras são impostas e inflexíveis. No entanto, a boa notícia é que, quando a família assume e entende que está indo na direção errada, ela pode fazer as mudanças necessárias para se tornar uma família que possa ter mais cuidados e atenção com seus membros.

Portanto, o diálogo, como um mecanismo para atender às necessidades dos membros, é uma estratégia necessária para resgatar a essência da família. Esse diálogo deve ser construído com base no amor, perdão, reconhecimento de erros, correção fraterna, além de uma alta dose de paciência, tolerância e respeito pelas diferenças e ritmos de cada pessoa, mas o mais importante, é manter a fé e esperança de que a família possa mudar se todos se esforçarem para permanecerem unidos e alcançarem os objetivos do plano que Deus semeou em seu coração".

Fanny Rojas Vargas OFS, Costa Rica

2. JULGAR

A Exortação Apostólica Pós Sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, nos ajudará a refletir sobre o diálogo em nossas famílias. Leiamos estes textos com muita atenção:

136. O diálogo é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar. Mas requer uma longa e diligente aprendizagem. Homens e mulheres, adultos e jovens têm



maneiras diversas de comunicar, usam linguagens diferentes, regem-se por códigos distintos. O modo de perguntar, a forma de responder, o tom usado, o momento escolhido e muitos outros fatores podem condicionar a comunicação. Além disso, é sempre necessário cultivar algumas atitudes que são expressão de amor e tornam possível o diálogo autêntico.

137. Reservar tempo, tempo de qualidade, que permita escutar, com paciência e atenção, até que o outro tenha manifestado tudo o que precisava de comunicar. Isto requer a ascese de não começar a falar antes do momento apropriado. Em vez de começar a dar opiniões ou conselhos, é preciso assegurar-se de ter escutado tudo o que o outro tem necessidade de dizer. Isto implica fazer silêncio interior, para escutar sem ruídos no coração e na mente: despojar-se das pressas, pôr de lado as próprias necessidades e urgências, dar espaço. Muitas vezes um dos cônjuges não precisa duma solução para os seus problemas, mas de ser ouvido. Tem de sentir que se apreendeu a sua mágoa, a sua desilusão, o seu medo, a sua ira, a sua esperança, o seu sonho. Todavia é frequente ouvir estes queixumes: « Não me ouve. E quando parece que o faz, na realidade está a pensar noutra coisa ». « Falo-lhe e tenho a sensação de que está à espera que acabe de vez ». « Quando lhe falo, tenta mudar de assunto ou dá-me respostas rápidas para encerrar a conversa ». Desenvolver o hábito de dar real importância ao outro. Trata-se de dar valor à sua pessoa, reconhecer que tem direito de existir, pensar de maneira autônoma e ser feliz. É preciso nunca subestimar aquilo que diz ou reivindica, ainda que seja necessário exprimir o meu ponto de vista. A tudo isto subjaz a convicção de que todos têm algo para dar, pois têm outra experiência da vida, olham doutro ponto de vista, desenvolveram outras preocupações e possuem outras capacidades e intuições. É possível reconhecer a verdade do outro, a importância das suas preocupações mais profundas e a motivação de fundo do que diz, inclusive das palavras agressivas. Para isso, é preciso colocar-se no seu lugar e interpretar a profundidade do seu coração, individuar o que o apaixona, e tomar essa paixão como ponto de partida para aprofundar o diálogo.

139. Amplitude mental, para não se encerrar obsessivamente

numas poucas ideias, e flexibilidade para poder modificar ou completar as próprias opiniões. É possível que, do meu pensamento e do pensamento do outro, possa surgir uma nova síntese que nos enriqueça a ambos. A unidade, a que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma « unidade na diversidade » ou uma « diversidade reconciliada ». Neste estilo enriquecedor de comunhão fraterna, seres diferentes encontram-se, respeitam-se e apreciam-se, mas mantendo distintos matizes e acentos que enriquecem o bem comum. Temos de nos libertar da obrigação de ser iguais. Também é necessária sagacidade para advertir a tempo eventuais « interferências », a fim de que não destruam um processo de diálogo. Por exemplo, reconhecer os maus sentimentos que poderiam surgir e relativizá-los, para não prejudicarem a comunicação. É importante a capacidade de expressar aquilo que se sente, sem ferir; utilizar uma linguagem e um modo de falar que possam ser mais facilmente aceites ou tolerados pelo outro, embora o conteúdo seja exigente; expor as próprias críticas, mas sem descarregar a ira como uma forma de vingança, e evitar uma linguagem moralizante que procure apenas agredir, ironizar, culpabilizar, ferir. Há tantas discussões no casal que não são por questões muito graves; às vezes trata-se de pequenas coisas, pouco relevantes, mas o que altera os ânimos é o modo de as dizer ou a atitude que se assume no diálogo.

140. Ter gestos de solicitude pelo outro e demonstrações de carinho. O amor supera as piores barreiras. Quando se pode amar alguém ou quando nos sentimos amados por essa pessoa, conseguimos entender melhor o que ela quer exprimir e fazer-nos compreender. É preciso



superar a fragilidade que nos leva a temer o outro como se fosse um « concorrente ». É muito importante fundar a própria segurança em opções profundas, convicções e valores, e não no desejo de ganhar uma discussão ou no fato de nos darem razão.

141. Por último, reconhecamos que, para ser profícuo o diálogo, é preciso ter algo para se dizer; e isto requer uma riqueza interior que se alimenta com a leitura, a reflexão pessoal, a oração e a abertura à sociedade. Caso contrário, a conversa torna-se aborrecida e inconsistente. Quando cada um dos cônjuges não cultiva o próprio espírito e não há uma variedade de relações com outras pessoas, a vida familiar torna-se endogâmica e o diálogo fica empobrecido.

3. AGIR

a) Quais aspectos da minha vida interior devo mudar para melhorar o diálogo fraterno em minha família?



b) Que relação existe entre a falta de diálogo e a transmissão da fé dos pais para os filhos?

c) Quais são algumas das principais dificuldades que as famílias de hoje enfrentam em vista da necessidade dos pais trabalharem, cuidarem dos outros e da influência da tecnologia.

d) Como a família aborda os problemas atuais de depressão infantil e adolescente, suicídio, aborto e a falta de um plano de vida claro para as crianças?

e) Como promovemos espaços para o encontro e o diálogo construtivo dentro da família em um mundo sem tempo?

4. CELEBRAR

Compartilhar a Oração à Sagrada Família e neste dia, cada um trará uma foto de sua família que será oferecida durante a oração, apresentando cada membro de sua família.

2021

“O cuidado dos nossos irmãos e irmãs mais idosos, a sua vida e caminho são a história da nossa Ordem”



Aos Conselheiros Internacionais da OFS e Jufra
Aos Conselhos Nacionais da OFS
Aos Conselhos Nacionais da JUFRA

Queridos irmãos e irmãs,
OFS e JUFRA,

Paz e bem,

Neste sexto material que enviamos a todas as fraternidades, estamos a propor-vos, como Comissão da Família, refletir sobre as conclusões do Capítulo Geral de 2014, que nos convidou a refletir sobre a família. Para este ano 2021, o tema que propomos para a reflexão e o compromisso é: **“O cuidado dos nossos irmãos e irmãs mais idosos, a sua vida e caminho são a história da nossa Ordem”**.

Com este tema procuramos continuar a caminhar junto aos nossos irmãos e irmãs mais idosos, porque são membros importantes das nossas fraternidades. Conhecer as nossas raízes significa entusiasmar-nos a fazer história e a ser parte dela, a que Deus quer que façamos em conjunto. Temos a necessidade de rever os locais de acompanhamento, a partir das diferentes realidades de cada fraternidade local, reconhecendo nestes irmãos e irmãs a grande sabedoria que dá a experiência de vida.

Atualmente, na página web do CIOFS (www.ciofs.info). Publica-se a cada quatro meses, um material com o qual podem refletir sobre distintas temáticas sobre a família.

O tema proposto aqui para o ano 2021 é uma proposta para que cada fraternidade reflita e partilhe a partir da sua realidade.

Recomendamos que as iniciativas tomadas pelas diversas fraternidades como fruto desta proposta, se deem a conhecer através da Secretaria do CIOFS dirigido à Comissão da Família.

O Senhor nos bendiga e a Sagrada Família nos acompanhe nas nossas iniciativas a favor dos nossos irmãos e irmãs mais idosos.

Silvia Diana
Conselheira da Presidência
Comissão da Família

TEMA ANUAL 2021

Comissão da Família:

Sílvia Diana OFS,

Jenny Harrington OFS,

Frei Hernán Eguzquiza, TOR

Colabora neste tema: Hernán Pablo Iris, OFS - Argentina

“O cuidado dos nossos irmãos e irmãs mais idosos, a sua vida e caminho são a história da nossa Ordem”

Queridos irmãos e irmãs, continuamos a partilhar as nossas vidas nesta proposta de formação para as fraternidades locais da OFS e da JUFRA, a proposta para o ano 2021 onde partilharemos uma reflexão sobre como acompanhamos os nossos irmãos e irmãs mais velhos nas nossas fraternidades, o conhecimento da nossa história através das suas vidas e caminhos permite-nos colocar-nos como continuação do projeto que Deus tem para a nossa fraternidade, que continua em nós. A história sempre nos ensina, nos ajuda a nos conhecermos, põe-nos cara a cara com a figura de muitos irmãos e irmãs que nos precederam e encarnaram da melhor forma possível o ideal da nossa vocação franciscana secular.

A Regra da OFS, Art. 13, diz-nos: ... “o sentido da fraternidade torná-los-á alegres”...

PROPOSTA DE TRABALHO: Propõe-se o método de trabalho: VER, JULGAR E AGIR.

1. VER:

Começamos por conhecer a experiência de Hernán, que sendo muito jovem começou o seu caminho em uma fraternidade onde havia muitas irmãs mais idosas:

No início da minha vida na OFS, reativamos a fraternidade Santa Isabel da Hungria, que estava inativa há 10 anos. Desde o começo (há 17 anos atrás), prevalecia uma faixa etária de adultos mais idosos (60 anos em diante). Mais de uma vez escutei os meus amigos ou pessoas próximas dizer a mim: você está junto com esses idosos! Sempre me senti confortável entre eles, ajudaram-me a caminhar todos estes anos nesta maravilhosa forma de vida.

Se os tiver que definir com uma palavra diria que são “pontes”. Mas atenção: não é apenas uma ponte entre o passado e o presente. Eles também são pontes entre o presente e o futuro. Deles aprendo diariamente o seu olhar de Deus, a sua forma de conversão, a sua forma de “preocupar-se com o que é importante”, como vivem os seus últimos anos de vida. Gosto de acompanhá-los na sua caminhada, no seu pensamento, na sua conversão Isso me edifica.

Oliva professou aos 80 anos. Ela ensinou-me a ser franciscano, a viver e morrer com gratidão. Faleceu aos 101 anos. Tenho saudades de conversar com ela! Ela sempre me disse: eu não devo estar fazendo bem alguma coisa, porque Deus ainda não me ama.

Nos franciscanos mais idosos, gosto de contemplar à sua maneira de ver a morte. Vivemos numa sociedade em que, muitas vezes, quando chega alguém novo, seja a um emprego ou a um serviço fraterno, quer começar tudo do zero. Memória e profecia ... é essencial olharmos para trás para nos avaliarmos hoje e nos projetarmos. E nisso podemos aprender muito olhando para os irmãos mais idosos.



Convidamos vocês a ler algumas reflexões dos irmãos e irmãs mais idosos da OFS aos quais lhes perguntámos: O que vocês precisam hoje da fraternidade?

“A minha fraternidade de Bahía Blanca, nunca me deixou órfã nas minhas necessidades. Sempre me deu o necessário: o apoio, a compreensão, a aproximação total, apesar da diferença de idades e das dificuldades surgidas por motivos de saúde - câncer de estômago - tenho muito orgulho da minha fraternidade ... que continuem a desenvolver o estudo da regra e a sua análise ... e especialmente para enfatizar a vida de nossos santos fundadores, Clara e Francisco, tendo em conta as suas virtudes, a sua humildade, o amor pelo irmão pobre e doente ... a oração”.

Maria del Carmen Vespa, é uma irmã (83 anos), das primeiras "Damas Pobres" que em Bahía Blanca, foi pioneira do que depois foi a Fraternidade OFS.



“Tenho saudades dos irmãos e irmãs, no horário da reunião uno-me espiritualmente em oração ...

E da minha fraternidade sempre espero e me faz bem, quando me ligam, e/ou se preocupam com a minha saúde”.

Rosa Molinari, 76 anos, mãe de uma família numerosa, que, por problemas de saúde, não participa assiduamente nos encontros fraternos.

Eu sou Marta Luna, 93 anos, e sempre até o ano passado, participei nas reuniões fraternas, exceto por algum problema climático. Tenho a imensa alegria de me comunicar por telefone. As calorosas reuniões, um chimarrão partilhado ou um chá, e quando tínhamos a alegria da presença do Assistente local (Fr. Luís Furgoni, Fr. Pedro Bogliacino, Fr. Leopoldo Bóscaro, ...), os seus ensinamentos e/ou reflexões foram um presente de Deus. O que mais há a dizer? A minha Fraternidade São João XXIII é pequena, mas realmente sinto que agradamos ao nosso seráfico Pai São Francisco de Assis, porque o amor fraterno entre nós sempre prevalece. A Regra e a vida do Poverello são o nosso alimento e a força para continuar a caminhar como Deus quer.

Hoje vivemos a "pandemia" como seres frágeis que somos, mas o carisma franciscano que penetrou profundamente nos nossos corações e a ausência presencial - aqueles que podem - é compensada através do computador e a mim depois informam-me sobre os detalhes e resultados da atividade mínima que no momento podem realizar: a oração do Santo Rosário, colaboração com a Cáritas na entrega de alimentos a muitas famílias da região, as datas do Conselho local, etc.

Resumindo: com que pagarei ao Senhor o dom que me deu de fazer parte da OFS e de fazer parte da minha Fraternidade?

Agradeço até este momento difícil, porque nos faz ter presente a Santíssima Trindade e nossa Santíssima Mãe, visto que vemos que sem esta ajuda nada podemos fazer ... a não ser confiar que nos amam e que este ambiente (angústia ou medo) nos leva a um diálogo frequente, orando "Senhor, tem piedade de mim e do mundo inteiro."



2. JULGAR:

A Palavra de Deus diz-nos:

O SENHOR disse a Caim: Onde está o teu irmão Abel? E ele respondeu: Não sei. Sou, porventura, guarda do meu irmão? Genesis 4,9

A Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Lætitia* do nosso Papa Francisco irá ajudar-nos a refletir:

192. São João Paulo II convidou-nos a prestar atenção ao lugar do idoso na família, porque há culturas que, «especialmente depois dum desenvolvimento industrial e urbanístico desordenado, forçaram, e continuam a forçar, os idosos a situações inaceitáveis de marginalização». Os idosos ajudam a perceber «a continuidade das gerações», com «o carisma de lançar uma ponte» entre elas. Muitas vezes são os avós que asseguram a transmissão dos grandes valores aos seus netos, e «muitas pessoas podem constatar que devem a sua iniciação na vida cristã precisamente aos avós». As suas palavras, o seu carinho ou a simples presença ajudam as crianças a reconhecerem que a história não começa com elas, que são herdeiras dum longo caminho e que é necessário respeitar o fundamento que as precede. Quem quebra os laços com a história terá dificuldade em tecer relações estáveis e reconhecer que não é o dono da realidade. Com efeito, «a atenção aos idosos distingue uma civilização. Numa civilização, presta-se atenção ao idoso? Há lugar para o idoso? Esta civilização irá em frente, se souber respeitar a sabedoria dos idosos».

Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Cristo Vive* o Papa Francisco anima os jovens dizendo:

199. Se caminharmos juntos, jovens e idosos, poderemos estar bem enraizados no presente e, daqui, visitar o passado e o futuro: visitar o passado, para aprender da história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças. Assim unidos, poderemos aprender uns com os outros, acalantar os corações, inspirar as nossas mentes com a luz do Evangelho e dar nova força às nossas mãos.



A Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia* do nosso Papa Francisco diz-nos:

34. Durante séculos, os povos amazónicos transmitiram a sua sabedoria cultural, oralmente, através de mitos, lendas, narrações, como sucedia com «aqueles primitivos jograis que percorriam as florestas contando histórias de aldeia em aldeia, mantendo assim viva uma comunidade que, sem o cordão umbilical destas histórias, a distância e a falta de comunicação teriam fragmentado e dissolvido». Por isso, é importante «deixar que os idosos contem longas histórias» e que os jovens se detenham a beber desta fonte.

Na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, também o Papa Francisco convida-nos a refletir:

18. Partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício duma seleção que favorece a um setor humano digno de viver sem limites. No fundo, «as pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se “ainda não servem” (como os nascituros) ou “já não servem” (como os idosos). Tornamo-nos insensíveis a qualquer forma de desperdício, a começar pelo alimentar, que aparece entre os mais deploráveis».

19. A falta de filhos, que provoca um envelhecimento da população, juntamente com o abandono dos idosos numa dolorosa solidão, exprime implicitamente que tudo acaba conosco, que só contam os nossos interesses individuais. Assim, «objeto de descarte não são apenas os alimentos ou os bens supérfluos, mas muitas vezes os próprios seres humanos». Vimos o que aconteceu com as pessoas de idade nalgumas partes do mundo por causa do coronavírus. Não deviam morrer assim. Na realidade, porém, tinha já acontecido algo semelhante devido às ondas de calor e noutras circunstâncias: cruelmente descartados. Não nos damos conta de que isolar os idosos e abandoná-los à responsabilidade de outros sem um acompanhamento familiar adequado e amoroso mutila e empobrece a própria família. Além disso, acaba por privar os jovens daquele contato que lhes é necessário com as suas raízes e

com uma sabedoria que a juventude, sozinha, não pode alcançar.

Em reiteradas oportunidades o atual Papa chamou-nos a refletir sobre esta “cultura do descarte”. Nesta era, onde as mudanças se vivem de uma forma vertiginosa num abrir e fechar de olhos, o cuidado e, sobretudo o acompanhamento aos nossos adultos mais velhos, faz-nos aprender a sair do comboio e aprender a que a partir do amor que tivermos uns pelos outros estaremos a tornar realidade o Evangelho de Jesus.

3. AGIR:

1. Como vivemos a nossa relação com os mais velhos da nossa fraternidade e da sociedade?
2. Como lidamos com a cultura do descarte?
3. Como Irmãos Seculares Franciscanos como podemos acompanhá-los nesta etapa das suas vidas? Pensamos neles ao projetarmo-nos como fraternidade? No nosso apostolado? Na formação?

Senhor Jesus, tu nasceste da Virgem Maria, filha de São Joaquim e Santa Ana.
Olha com amor os mais velhos de todo o mundo.
Protege-os! São uma fonte de enriquecimento para as famílias, para a Igreja e para toda a sociedade.
Apoia-os! Que quando envelhecerem Continuem a ser para as suas famílias pilares fortes da fé evangélica, custódios dos nobres ideais, guardiães, tesouros vivos das sólidas tradições religiosas, faz que sejam mestres de sabedoria e coragem que transmitam às gerações futuras os frutos da sua madura experiência humana e espiritual.
Senhor Jesus, ajuda as famílias e a sociedade a valorizar a presença e o papel dos avós.

4. CELEBRAR: Partilhamos juntos um tempo de oração dando graças pela vida partilhada.

Salmo 71:

¹⁷ Desde a minha juventude, ó Deus, tens me ensinado, e até hoje anuncio as tuas maravilhas.

¹⁸ Agora, na velhice e na decrepitude não me abandones, ó Deus, para que eu possa falar da tua força a esta geração e do teu poder a todos os que virão.

¹⁹ A tua justiça chega até aos céus, ó Deus, tu, que tens feito coisas grandes. Quem se compara a ti, ó Deus?

²⁰ Tu, que me fizeste passar muitas e duras tribulações, dar-me-ás a vida de novo, e das profundezas da terra de novo me farás subir.

²¹ Aumentai a minha dignidade e me consolai-me de novo.

ORAÇÃO:

Que jamais sejam ignorados ou excluídos, mas encontrem respeito e amor.
Ajuda-os a viver serenamente e a sentir-se acolhidos durante todos os anos de vida que lhes concedas.
Maria, Mãe de todos os viventes, cuida constantemente todos os nossos irmãos e irmãs mais velhos, acompanha-os durante a sua peregrinação terrena e com as tuas orações consegue que todas as famílias se reúnam um dia na nossa pátria celeste, onde esperas por toda a humanidade para o grande abraço da vida sem fim.
Amém.



www.ofs.com.br